

## LITERATURAS DE AUTORIA NEGRA: UM CANTO DE RESISTÊNCIA À AFRODESCENDÊNCIA\*

Ana Rita SANTIAGO<sup>√</sup>

### RESUMO

Sob a esteira da história e historiografia dos (as) africanos (as) no Brasil-Colônia e mediante tais contingências, que se estendem e respingam atualmente, este texto tem como objetivo tecer algumas considerações sobre literatura negra, sobretudo a de autoria negro-feminina, como exíguos, emergenciais e emergentes exemplos de participação afirmativa e promissora da afrodescendência na sociedade brasileira. Este artigo, neste íterim, aborda a arte literária de homens e mulheres negras como expressão das potencialidades negras no Brasil. Esses projetos literários concretizam-se a partir de olhares críticos e imaginários, considerando as relações étnico-raciais e de gênero como justapostas, a fim de salientar possíveis diálogos e contraditos existentes entre os sujeitos autores/as e suas criações literárias. Diante disso, necessário se faz resistir, permanentemente, opondo-se às múltiplas formas de silenciamento de vozes negras na história social, política e cultural brasileira. Neste sentido, como vigores de vida, em meio a tantas políticas endógenas e excludentes, nestes tempos, urge que se coloquem à baila tessituras literárias que evidenciam identidades negras. Para tanto, são expostas algumas reflexões sobre dicções literárias de autores (as) negros (as) no tocante aos protagonismos afrodiaspóricos.

Palavras-chave: Literatura. Afrodescendência. Resistência. Autores (as) Negros (as).

---

\* Artigo recebido em 08/03/2020 e aprovado em 27/05/2020.

<sup>√</sup> Doutora em Letras e Linguística, pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora Associada da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e do Programa de Pós-Graduação Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus 2, Alagoinhas-BA.

## 1. ALGUMAS PALAVRAS INICIAIS

[...] Por menos que conte a história  
 Não te esqueço meu povo  
 Se Palmares não vive mais  
 Faremos Palmares de novo.  
 (LIMEIRA, 1983, p. 23)

É inegável e incontestável a contribuição de povos africanos na formação da sociedade brasileira. Infelizmente, na condição de escravizados, viveram as atrocidades, mazelas e políticas perversas de subjugação e exploração. Foram utilizados como “peças”, tornaram-se serviçais e mão de obra escravizada para o desenvolvimento, em especial, da economia imperial portuguesa, através do cultivo da mineração, agricultura, produção açucareira e de serviços domésticos em espaços rurais e urbanos. Suportaram, inclusive, a máquina de morte, a colonização, forjada, produzida e sustentada pela expansão marítima e dominação portuguesa e pelo mercantilismo.

A escravidão foi a base das atividades de construção e fortalecimento das colônias no Brasil. As produções econômicas, as plantações da cana, algodão, café, tabaco, o transporte de cargas e as diversas funções, na sede colonial e nos futuros centros urbanos, foram desenvolvidas por pessoas escravizadas, oriundas de várias partes do continente africano. Do trabalho escravo, pois, edificaram-se e arrojaram a economia do Brasil-Colônia. Desse modo, submissos aos ditames escrupulosos e mortíferos do período colonial e da escravatura, africanos (as) colaboraram, relevantemente, com a produção social e econômica do Brasil.

Já há uma literatura sobre a história da escravidão de africanos (as) no Brasil, o tráfico negreiro, jugo colonial, crimes, castigos e punições escravocratas, trabalho escravo, africanos no Brasil-Colônia, resistências negras etc. Destacam-se, dentre outros, estudos de Emília Viotti da Costa (1998); Kátia Queirós Mattoso (2002); Isabel Cristina Ferreira Reis (2001); Wlamyra Albuquerque (2006); Abdias Nascimento (1980); Clóvis Moura (1987; 1988; 2004); Florentino (2010); Flávio dos Santos Gomes (2015); João José Reis (1988; 1989; 1989; 1992; 1996; 2003; 2008); Sidnei Chaloub (2011); Ubiratan Castro de Araújo (2006); Walter Fraga Filho (1996; 2006), que podem colaborar com a reiteração do pressuposto de que não há Brasil nem brasilidades sem os (as) negros (as), os afrodiáspóricos.

Não é interesse, deste texto, discutir sobre a participação dos (das) africanos

(as) na formação social, cultural, política e econômica do Brasil-colonial. Essas considerações são apenas pretextos para situar a premente, histórica e contemporânea presença atuante diaspórica negra na formação da nação brasileira. Nossos passos vêm de longe!

Além da economia e do desenvolvimento social, a presença africana no Brasil, efetivamente, é protagonista na formação da identidade nacional e cultural do povo brasileiro. E mais, ontem e hoje, às populações afrodescendentes, do campo, da cidade e dos diversos territórios culturais, devem-se importantes constructos intelectuais, socioculturais e exercícios laborais no bojo do crescimento e desenvolvimento da sociedade brasileira.

Não há Brasil sem negros (as). É impossível, pois, se pensar em construções identitárias brasileiras sem se fazer justas referências e reconhecimento ao legado e repertórios culturais africanos, aqui reconhecidos como africanidades, não tão somente na culinária e na língua, mas em todos os segmentos socioculturais, desde os pensamentos, costumes, às culturas, arquitetura, religiosidade, artes, engenharia, à medicina, às tecnologias, dentre outros.

A ideologia do embranquecimento, o discurso de mestiçagem, a suposta democracia racial, postulada por Gilberto Freire (2013) e tantos estudiosos (as) sobre a escravidão e formação cultural do Brasil, brasilianistas e literatos, as práticas de racismo etc. agenciaram discursividades e narratividades que pouco promoveram a valorização da presença afrodiaspórica no Brasil. Ao contrário, forjaram pseudo inferioridades, justificaram desigualdades e reiteraram pensamentos etnocêntricos.

Assim, sob a esteira da história e historiografia dos (as) africanos (as) no Brasil-Colônia e mediante tais contingências que se estendem e respingam até atualmente, este texto tem como objetivo tecer algumas considerações sobre literatura negra, sobretudo a de autoria negro-feminina, sobretudo aquelas de autoria negro-feminina, como exíguos, emergenciais e emergentes exemplos de participação afirmativa e promissora da afrodescendência na sociedade brasileira.

Este artigo, neste íterim, advém de estudos e pesquisas desenvolvidas e tece considerações sobre a escrita literária – aqui denominada e reconhecida como literatura negra, literatura afrobrasileira e literatura negro-feminina – de homens e mulheres negras, como expressão das potencialidades negras no Brasil. Esses projetos estéticos concretizam-se a partir de olhares críticos e imaginários, considerando as relações étnico-raciais e de gênero

como justapostas, a fim de salientar possíveis diálogos e contraditos existentes entre os sujeitos autores/as e suas criações literárias. O texto, pois, tem como objetivo apresentar leituras descritivo-interpretativas de tecituras de autores (as) negros (as), no tocante às figurações de resistência negra no Brasil, apoiadas em pressupostos teóricos multirreferenciais, entrecruzados por estudos literários e pelas ciências humanas e sociais.

A literatura negra é parte da literatura brasileira, logo um projeto estético, comprometido com temáticas afins aos legados afrobrasileiros, forjado por escritores (as) negros (as) que assim se declaram e que assim é denominado por eles (as), por estudiosos (as), leitores (as) e críticos (as). Já a literatura negro-feminina é uma tessitura de autoria de mulheres negras que se constitui por temas femininos e de feminismo negro comprometidos com políticas de alteridades, circunscrevendo narrações de negritudes femininas/feminismos por elementos de memórias ancestrais, de tradições e culturas africano-brasileiras, do passado histórico e de experiências vividas, positiva e negativamente, como mulheres negras. Em um movimento de reversão, elas escrevem para (des) silenciarem as suas vozes autorais e para, pela escrita, inventarem novos perfis femininos, sem a prevalência do imaginário e das formações discursivas do poder masculino, mas com poder de fala e de decisão, logo senhoras de si mesmas.

Necessário se faz resistir, permanentemente, opondo-se às múltiplas formas de silenciamento de vozes negras na história social, política e cultural brasileira. Neste sentido, como forças de vida, em meio a tantas políticas endógenas e excludentes, nestes tempos, urge que se coloquem à baila tessituras literárias que evidenciam identidades, táticas e estratégias de lutas e resistências negras, tais como cantam um conjunto de poemas, **Quilombos**, do poeta José Carlos Limeira (1983), dedicados aos intelectuais e escritores Abdias Nascimento e Lélia Gonzáles. É preciso fazer **Palmares de novo**, como sugere a gramática literária de José Carlos Limeira e de tantos (as) autores (as) negros (as). Por conta disso, neste texto, são demonstradas algumas reflexões sobre dicções literárias de autores (as) negros (as) no tocante aos protagonismos afrodiaspóricos.

## 2. POTÊNCIAS DE AFRODESCENDÊNCIA NA LITERATURA DE AUTORES (AS) NEGROS (AS)

meus cabelos condensam vivências que nenhuma  
 chapinha alisa  
 sabem segurar os mistérios da ventania  
 e segredos miúdos  
 que o tempo encrespou e encaracolou com esmero

não há chapéu que abafe  
 o axé plantado  
 por cafunés

minha mãe  
 sabedora de histórias antigas  
 pôs um véu de paz na cabeça  
 para enganar o turista

do coração da gente  
 varreu a guerra  
 mas segredou já no útero:  
 “a luta continua  
 e a vitória está na serra  
 da barriga das mulheres”.  
 (CUTI, 2013, p. 32).

A produção literária de autoria de homens e mulheres negras perfilha tessituras, narrativas e versos comprometidos com histórias e elementos da memória ancestral e de tradições e vivências africanas e afrobrasileiras, como entoa a voz poética de **Crespa Cantiga**, de Cuti Silva. Esse poeta é um dos fundadores do Quilombhoje, que é uma organização responsável pela publicação dos **Cadernos Negros**, edição que já está no número 42, a qual, desde 1978, publica poemas e contos de autores (as) negros (as) do Brasil.

A literatura negra caracteriza-se por figurar, entre outros aspectos, a afirmação de identidades negras; o foco discursivo com temas da vida e da população negra; e a ficcionalização e a poetização de repertórios culturais negros na história do Brasil, mas também no tempo presente. Assim, a textualidade de escritores (as) negros (as), pautada na experiência, individual e coletiva, de tornar-se negro (a) na sociedade brasileira, implica em cantar a afrodescendência, a resistência negra, mas também perfilhar os entraves e dilemas das relações sociais e, acima de tudo, étnico-raciais estabelecidos pelo racismo. Alude, inclusive, problematizá-los, subjetivamente, forjando agenciamentos de formas e expressões literárias que acrescentem outras significações ao ser negro (a) e, por conseguinte, à afrodescendência no Brasil.

Não são poucas as dicções literárias de autores (as) negros (as) que acionam referências e acontecimentos históricos do Brasil que avalancham e remontam, criativamente, as lutas e insurgências negras como vetores de vida e emancipação. Os Quilombos, por exemplo, organizações autônomas e de resistência de africanos (as) escravizados (as), entre os séculos XVI e XIX, em busca de liberdade e outras formas de vida são cantados e ficcionalizados, recorrentemente, em suas poéticas e narrativas, tal como o longo poema **Canto dos Palmares**, de Solano Trindade.

Eu canto aos Palmares  
sem inveja de Virgílio, de Homero e de Camões  
porque o meu canto é o grito de uma raça  
em plena luta pela liberdade!

Há batidos fortes  
de bombos e atabaques em pleno sol  
Há gemidos nas palmeiras  
soprados pelos ventos  
Há gritos nas selvas  
invadidas pelos fugitivos...  
Eu canto aos Palmares  
odiando opressores  
de todos os povos  
de todas as raças  
de mão fechada contra todas as tiranias!  
[...]  
Ainda sou poeta  
meu poema levanta os meus irmãos.  
Minhas amadas se preparam para a luta,  
os tambores não são mais pacíficos,  
até as palmeiras têm amor à liberdade...  
[...]  
E agora ouvimos um grito de guerra,  
ao longe divisamos as tochas acesas,  
é a civilização sanguinária que se aproxima.  
Mas não mataram meu poema.  
Mais forte que todas as forças é a Liberdade...

O opressor não pôde fechar minha boca,  
nem maltratar meu corpo,  
meu poema é cantado através dos séculos,  
minha musa esclarece as consciências,  
Zumbi foi redimido...  
(TRINDADE, 2008, p. 137-142)

Quilombo dos Palmares (Século XVI), maior quilombo da América Latina, situado na Serra da Barriga, em Alagoas, reuniu cerca de 20 mil habitantes. Essa organização é um grande marco e símbolo de resistência de africanos (as) escravizados (as) no Brasil. Assim, a voz lírica de um poeta exalta a magnânima luta palmarina por liberdade e dedica abundantes versos a conclamar outros (as), igualmente aos gritos

de guerra, a lutar por liberdade, no aqui e agora.

Palmares, a mais notável experiência de aquilombamento, tal como pensado por Beatriz Nascimento (2006), foi uma experiência concreta, que mostrou que era (e é) possível construir sociedades mais humanas, justas e mais viáveis. Para ela, aquilombar é um fato histórico e, ao mesmo tempo, uma necessidade contemporânea. É, inclusive, um convite a viver o presente com os pés fincados no chão e no passado, em conectividade com a ancestralidade. Tal sentido, quiçá, justifiquem tantos versos sobre Palmares e as convocações poéticas para fazermos, no tempo presente, **Palmares de novo**, tal como soa a voz poética de **Insônias**, de José Carlos Limeira.

Saudades das Tuas noites  
fogueiras que eu não vivi  
Palmares, Estado Negro...  
(vivo pensando em ti)

Como não estar  
Na podridão do Manguê  
nas ratazanas da zona  
na multidão de bucetas infectas  
como não estar no barulho da britadeira  
Na comida azeda na marmita fria  
como não estar na fome do meu filho  
Já nascido com jeito de morte  
como não estar no lixo das madames  
no cheiro da gordura da pia  
nas bostas dos barões boiando na latrina  
como não estar no trem lotado, no barraco caindo  
No camburão na porrada nos dentes  
no lodo do fundo de cada cela  
Como, se tudo isso sou eu?

Quilombos, meus sonhos  
sofro de uma insônia eterna de viver vocês

Vivo da certeza de renascê-los amanhã,

Se um distinto senhor vier me dizer  
para não pensar nessas coisas  
vou ter de matá-lo  
com um certo prazer.

[...] Por menos que conte a história  
Não te esqueço meu povo  
Se Palmares não vive mais  
Faremos Palmares de novo.  
(LIMEIRA, 1983, p. 23)

Esses versos, como vigor e movimento, desfilam pinçados por fiapos da realidade e pelo esmaecimento entre o ficcional e o real, como propõe Josefina Ludmer (2010; 2013), ao discutir sobre as **literaturas pós-autonômas**. Sob a vertente de um

projeto estético comprometido com a emancipação dos (as) afrobrasileiros (as), a voz poética de **Insônias** apresenta-se com saudades de memórias da vida palmarina e ciente das condições de vida que lhe circundam. Ela também anseia por aquilombamento como um modo de viver compartilhado, próximo daquele vivenciado no histórico Quilombo dos Palmares.

De modo insurgente, o sujeito lírico apresenta-se ciente e indignado das mazelas sociais, advindas das desigualdades e do racismo, vividas e por ela presenciadas. Mostra-se disposto a resistir e até a matar **com um certo prazer**, caso alguém tente impedi-lo de rememorar os Quilombos. Além disso, narra sobre a saudade dos Quilombos, do que não vivera, mas lhe fora narrado, de modo esparso, nutrindo, assim, pensamentos e sonhos de reinventar a vida em Quilombos.

Assim, fazer **Palmares de novo**, em **Insônias**, é forjar, hoje, sonhos e dias melhores, tendo como referência a experiência quilombola, exemplo de ousadia e perspicácia e modos de não se curvar às práticas de genocídio, perseguição, racismos e estruturas que parecem instranponíveis e irreversíveis. Para a voz poética, só parecem, pois a organização e a luta são caminhos para nutrir esperanças, sonhos e construir possibilidades de vida emancipada.

Há, explicitamente, nesses versos, marcas autorais aplicadas a inventar representações e discursividades em que se revertam as que aparecem marcadas por subjugações como se constatam, inclusive, nos poemas já citados. Uma voz negra desabafa, com gritos-denúncia, ao reconhecer alguns dramas sociais que assolam outros (as) negros (as). Há um eu que se expressa, (auto) representando, por meio de simbologias e repertórios que insinuam urgências de deslocamentos de posições de exclusão. Além de pensar e sonhar com o Quilombo da Serra da Barriga, urge fazer **Palmares de novo**, ecoa os versos de **Canto dos Palmares**.

**Quilombo**, poema de Lande Onawale, também reitera as memórias atinentes ao quilombo como um território prenhe de sonho e esperança.

minha certeza flecha  
seta, reta  
direção da liberdade  
nossa razão concreta  
terra preta  
longe muito da opressão

nunca dissemos adeus à África  
em nossas mentes  
e de memória fresca

replantamos suas lições  
no estreito e vasto chão  
do agora e do possível

quilombo é o sol que se avista um sonho acordado  
um ponto de vista onde foram dar as mãos  
após varrerem brenhas  
se achando em qualquer caminho  
se atando às guerras e seus espinhos  
enraizando falanges  
em pedaços de sonho e esperança.  
(ONAWALE, 2011, p. 53)

No aqui e agora, é preciso rememorar as lições deixadas pela vida em quilombos históricos, desfigurando atributos negativos de suas memórias ancestrais e referências culturais e políticas, sugere o sujeito da enunciação desse poema. É mister reaprender tais lições se se quiser, hoje, enfrentar a opressão e trilhar para conquistar a liberdade.

São incontáveis, felizmente, os poemas e narrativas de autores (as) negros (as), que têm os quilombos como tema e referências de comunalidade e resistência. Não se trata de, meramente, recontar e lembrar histórias de africanos (as) e afrobrasileiros (as). É preciso lembrar, poetizar e ficcionalizar os feitos de personalidades negras. Mais ainda, é necessário ressignificá-los, aprender com eles e lhes atribuir sentidos que sinalizem novas estratégias de lutas, tais quais os versos de **Quilombo**.

Nesse tom de exaltação das lutas e participações históricas, a literatura negra imprime, em seus atravessamentos, jogos de signos e sentidos de valorização de afrodescendências. Para tanto, enfatiza as vivências de promoção de empoderamentos e reconhecimento da permanente atuação do (a) negro (a) nos diversos campos artísticos, do conhecimento e de produção social, econômica e histórico-cultural do Brasil como desfila em **Negrada**, de Wesley Correia.

Este cheiro de preto,  
inebriante nas academias,  
nas letras,  
nas ciências,  
é a profecia do gueto  
que se cumpre.

Esta vasta gente preta,  
habitante nos segredos de tantas histórias,  
não faz a revolução,  
é a própria revolução.  
[...]

Esta mão preta, que escreve  
e inventa oruns,  
subverte a lógica do poder:  
não diz a profecia,  
torna-me a própria profecia.  
(CORREIA, 2013, p. 43)

Em matiz de desditos e contraditos, os versos, de outra voz que também se caracteriza de poeta, (re) criam contextos de enunciação, afugentando traços de servilismo e dominação da **gente preta**. Neste sentido, eles são tecidos com traços distintivos de representações, discursos e narratividades, comprometidos com a valorização da afrodescendência e as desmobilizações de identidades negras imutáveis e pouco relacionais, como contesta Stuart Hall (2003; 2006).

Em tom de pertencimento, a **mão preta, que escreve** reivindica o reconhecimento da revolução que a população afrobrasileira opera, ocupando múltiplos espaços na sociedade brasileira. Ao subverter a ordem estabelecida, de cidadãos (ãs) de segunda ou outras categorias socioculturais, a **gente preta** segue exalando seu **cheiro preto**, igualmente, em vários segmentos intelectuais e agenciando significações sociopolíticas, outros paradigmas e projetos culturais, literários e intelectuais. Essa experiência de reversão da voz-poeta fomenta exercícios de valorização de negritudes ou de desidealização do negro e do branco, como discute o poeta Cuti Silva (2002).

Como ilustramos, escritores (as) negros (as) não apenas apropriam-se da palavra poética para contar o passado histórico de negros (as). Eles (as) utilizam também para provocar a sociedade brasileira quanto às relações étnico-raciais para tensionar identidades negras alinhadas a políticas hegemônicas; para reivindicar o valimento da presença de populações negras e de suas africanidades.

### 3. VOZES INSURGENTES DE AUTORIA NEGRO-FEMININA

5 de Novembro: \_ Pois é, Toninho, os editores do Brasil não imprime o que escrevo porque sou pobre e não tenho dinheiro para pagar. Por isso eu vou enviar o meu livro para os Estados Unidos.  
(JESUS, 2007, p. 117)

Discorrer sobre representatividades e resistências de mulheres negras em autoria negro-feminina é, indiscutivelmente, um convite a se pensar em construções históricas sobre o Brasil, suas diversidades, ambivalências e tramas de objetificação

e subalternização de suas populações afrodiaspóricas, tal como provoca a autora-narradora, catadora de papel, Carolina Maria de Jesus, em **Quarto de Despejo – Diário de uma Favelada** (2007). Abordar isso, na análise de sua escritura literária, é um bom agenciamento para tensionar a literatura brasileira hegemônica, quanto às representações dos Brasis e de suas brasilidades, sob o viés das vivências e presença de mulheres negras de personagens a autoras.

O silenciamento, a invisibilidade e o apagamento de vozes literárias compõem o percurso de autoras negras. A autora-narradora também reage a isso em o **Diário de Bitita** (1986): “Assim como as palavras, as pessoas que as escrevem não podem ser apagadas. Sou Carolina Maria de Jesus. Sou uma cidadã negra brasileira. Eu não posso ser apagada.” (JESUS, 1986, p. 60). Assim, outras escritoras negras, de várias regiões do Brasil, cientes e associadas (ou não) a circuitos de literatura negra ou a outros segmentos, também buscam garantir estratégias de escrita, publicações e divulgação de suas produções literárias, a fim de romper com o esquecimento e a não autorização a que, historicamente, estão submetidas suas vozes e autoria.

As dicções literárias dessas autoras têm se configurado como uma gramática literária atravessada por temas que desfilam entre anseios por transformações e ressignificações de (re) existências, por fios históricos, imaginários e existenciais que tecem, descontínua e paulatinamente, bem como por construção de suas identidades autorais e reconhecimento de suas escrituras literárias. As temáticas, discursos e representações de personagens femininas e de seus universos são, pois, definidores da escrita literária feminina, a qual é tensionada e nutrida pelo desejo de autonomia política e cultural e de conquistas de espaço público como a voz lírica de **Afro-brasileiras**, de Miriam Alves.

Mães, irmãs, esposas  
 anônimas mulheres guerreiras  
 força move pensamentos passos  
 gerações foram às ruas

lutas  
 sustento  
 dignidade  
 sonho melhor

avós, mães, tias  
 aves Marias  
 aves marinhas  
 silêncio e anonimato

Presença

voz de contínuas esperanças  
 banir pesadelos  
 da vida do país  
 (ALVES, 2008, p. 99)

Como se entoam nesses versos, outras vozes poéticas se travestem de vários eu para inventar motivos de existir e permanecer vivas. Desse modo, autoras negras forjam escrituras de ficcionalização e de poetização com marcas pulsantes, operacionais, intelectuais e artísticas em dinâmicas sociais e políticas brasileiras. Tal agenciamento remete à alusão que Franz Fanon fez, em **Os condenados da Terra**, à importância das artes mediante o combate da colonização, em específico, do jazz: “[...] A partir do momento em que o negro se apreende e apreende o mundo diferentemente, faz nascer a esperança e impõe recuo ao universo racista [...]” (FANON, 2005, p. 278).

Com figuras e universos diferenciadores, quiçá, transgressores, como vetores de vida e longe da esfera das representações, abalizadas por atributos relacionados à escravização e papéis sociais de subalternidade, exotismo, libido exacerbado, elas criam possibilidades de sentidos de (re) existir e de resistir, entrecruzados pelo Eu e Nós, contrapondo-se às discursividades, demarcações, geografias e práticas que lhes fixam em lugares de subjugações, controles e interdições.

2 de Junho: E depois, um homem não há de gostar de uma mulher que não pode passar sem ler. E que levanta para escrever. E que deita com lapis e papel debaixo do travesseiro. Por isso é que eu prefiro viver só para o meu ideal. (JESUS, 2007, p. 44)

Longe de lugares, tempos e estados sólidos e estáveis, entre os múltiplos ditos e desditos que forjam, em seus percursos, esses versos, da voz autoral e narradora de Carolina Maria de Jesus, demonstram como elas ousam apropriar-se da arte literária para escrever de si (nós) como oportunidade para (des) dizer, pela linguagem poética, ditos sobre si, bem como maneiras de (re) existir, logo de instituir-se. Tal movimento, possivelmente, metamorfoseia, não só o transcurso de suas vidas e identidades, mas também das trilhas literárias e de narrativas de si (nós), tal como o eu da enunciação de **Identidade (s)**, de Mel Adún.

Sou dois mundos.  
 Isso já foi acordado.  
 Uma eu sou leve, alegre, amiga, disposta...

Agora a minha outra, eu,  
 aquela que raras pessoas conhecem,  
 aquela que várias vezes enlouquece  
 e desabafa nos textos verdades inquestionáveis,  
 vontades embaraçosas, segredos só seus;  
 essa já não é tão feliz.  
 Não, ela não é feliz.  
 Não na maneira convencional estabelecida.  
 Não no senso comum.  
 Ela é outra coisa menos sorriso,  
 menos fachada, menos ombro amigo.  
 Essa é sozinha, mas às vezes ela sorri, sim.  
 Sorri quando coloca pra fora aquelas bobagens  
 que todos devem pensar,  
 mas não chegam a verbalizar.  
 Surtar.  
 A minha eu desenquadrada se dá ao luxo de surtar.  
 Não se acanha com possíveis pensamentos  
 e nem pensa em servir de exemplo pra ninguém.  
 Que se dane ninguém!  
 Ela é livre, assim como a minha eu  
 tão feliz gostaria de ser.  
 A liberdade inexistente sem a limitação necessária  
 pra viver em sociedade.  
 (ADÚN, 2008, p. 93)

Essa voz feminina, bem à vontade, em tom de coloquialidade, desfila os seus eu que se parecem distintos, mas estão interrelacionados e, igualmente, buscam a liberdade. Outras vozes poéticas que dizem de si, semelhantes a esses versos, elaboram discursos, em tom de lirismo e denunciativo, quando necessário, tecem versos e prosas que reelaborem identidades e inventam amores, dissabores, dores, histórias, resistências e ancestralidades. Igualmente ao processo histórico de consolidação da literatura negra, elas se destacam, não só com uma nuance de protesto e denúncia, mas, sobretudo, por reescreverem e cantarem mundos, dramas, sonhos, experiências pessoais e socioculturais que lembram as suas antepassadas (os) e recriam novas palavras e escritas que se quer, por vezes, insurgentes.

É constante, na palavra literária de escritoras negras, o desenho de vozes e personagens sedutoras, não pelos seus aspectos físicos, mas pela sua força, coragem e decisão pela conquista da emancipação individual e coletiva. Aparecem, ainda, em seus textos, figuras femininas, ávidas pela afirmação de si, ou simplesmente pelo desejo de tornar-se, de estarem cientes de seus dramas ou tão somente pelo sonho de se permanecer no mundo (e em seus mundos) como senhoras de si e de suas vontades.

Em **Seguindo as mais velhas**, de Jovina de Souza, uma voz lírica feminina e negra apresenta o seu corpo-memória ao declarar que a sua poésis deriva de outras vozes e palavras igualmente. Em seus versos estão circunscritas as suas histórias,

memórias e, sobretudo, de outros, semelhantes ao seu, corpos-memórias.

É desconforto querer declaração de amor,  
se o racismo está em nossa língua.  
Quero a escrita da palavra censurada  
em minha fala, sim.

Não espero caminhos macios nessa lida,  
assino a lista dos meus valores e guardo  
palavras de negras mulheres, vozes libertas  
juntas em mim.

Sou eco dos saberes dessas mulheres,  
sigo o caminho por elas amaciados  
fazendo o trabalho, ainda necessário  
arrancar outros tocos, polir ásperas trilhas.

Com elas aprendi enegrecer meu pensar,  
tomar posse do meu ser negro feminino.  
E tecendo mais um fio dessa luta infinda  
Vou dizendo quem sou e o que sinto.  
(SOUZA, 2017, p. 16)

Como se tornou e se sente (persona negra feminina), o eu lírico enegrece seu pensamento e, certamente, a sua palavra poética. Além disso, ousa arrancar as máscaras que encobertam a sua face, todo o seu corpo, as suas histórias e memórias. Assim, o seu corpo é tatuado por ancestralidades e está permeado de dores, sofrimentos e experiências, advindos do racismo, mas também de aprendizagens com as antepassadas. Nele, inclusive, circunscrevem-se negociações, narratividades, pertencimento, oralidades, insurgências e indocilidades.

Tal escritura pode ser considerada como um processo contínuo de (re) invenções de memórias, histórias e narrações sobre identidades, femininos e feminismos negros. Há nela um retorno dinâmico ao passado, ou seja, há um relato de memórias ressignificadas, aliado a cenas de histórias, sonhos, vivências e resistências, no passado e no presente, vislumbrando cenas e agendas que gerem sonhos e conquistas no futuro. Ademais, por esse projeto, desenham-se discursos em que vozes literárias negras e femininas, destituídas de submissão, forjam uma escrita em que (re) inventam sentidos, para si e para outros (as), e se cantam repertórios e eventos histórico-culturais negros.

Como arte da palavra, a literatura negro-feminina valoriza legados intelectuais e culturais africano-brasileiros da tradição, saberes e práticas ancestrais de

populações negras e desconstrói discursos poéticos e ficcionais que promovem seu recalque. Os sujeitos poéticos e narradores, por esse viés, se figuram dispostos a buscar, pela e com a palavra, o direito à voz. Esse exercício pode ser compreendido como um ato de resistência peculiar às relações de poder e não como um subproduto, já que, segundo Foucault, “[...] para resistir, é preciso que a resistência seja como o poder. Tão inventiva, tão móvel, tão produtiva quanto ele. Que, como ele, venha de ‘baixo’ e se distribua estrategicamente” (FOUCAULT, 2002, p. 241). Neste ínterim, a literatura de autoria feminina negra desfila cotejada por anseios pela escrita e vozes literárias que vislumbrem a emancipação e a resistência.

## À GUIA DE (IN) CONCLUSÕES

Os projetos estéticos, aqui apresentados, trazem à baila a necessidade de coalizões a uma escritura literária que se quer imaginária e, simultaneamente, comprometida com ideais emancipatórios. Assim homens e mulheres negras inventam uma escrita tatuada por vultos e eventos históricos, pertinentes à participação de populações negras na formação e desenvolvimento da sociedade brasileira, mas também inscrita por narrativas de si (nós), em que também aparecem dilemas, realidades e imaginários concernentes aos seus mundos, sonhos, histórias, interesses, desejos e sentimentos.

A literatura negra e a literatura negro-feminina, como força estética, não só agregam autores (as) e obras não instituídas pelo cânone, construídas longe de estereótipos, estigmas e discursos pautados na ideologia do embranquecimento, mas também sugerem mudanças nas relações inter-raciais, apontando uma nova ordem, como assinala Cuti Silva (2002). Elas provocam a tradição literária brasileira no que se refere ao que se vislumbra como cultura e identidade nacional homogênea e singular, uma vez que permitem compreender, no campo imaginário, uma escrita marcada por cenas e agendas de formações discursivas sobre o ser e tornar-se negro (a) no Brasil tal como aludiu a pesquisadora negra Neusa Santos (1983), ao discutir sobre a construção da identidade do (da) negro (a) brasileiro (a).

Esses projetos estéticos literários, pois, sinalizam uma contraposição efetiva à tradição da literatura, quanto à representação das negritudes, bem como indica uma arte literária, de homens e mulheres negras, que se desenha no Brasil, a qual se constitui em uma manifestação efetiva e densa de um discurso inovador, que, em

suas representações, se contrapõe ao já estabelecido. Eles, portanto, indicam outras maneiras de inserir na tradição literária formas diferenciadoras de inventar identidades, afastadas de preconceitos e racismos e próximas de autoafirmação, de conquista de autonomia e, concomitantemente, de inter-relação, empoderamento, alteridades e negociação.

Tais escrituras, desse modo, despontam como uma ação transgressora e insurgente, em que se anulam possíveis significados estigmatizantes e se insinuam outras possibilidades de leituras de significantes, do construir-se, do vivido e do porvir. Por elas, desfilam rastros de significados de identidades negras que migram entre as ressignificações discutidas por Stuart Hall (2000), peculiares à dinamicidade, ao entrecruzamento de culturas e da vida em sociedades e à afirmação de traços culturais relacionados a patrimônios e histórias.

### **BLACK AUTHOR LITERATURES: SONG OF RESISTANCE TO AFRODESCENDENCE**

In the wake of the history and historiography of Africans in Brazil-Colony and by means of such contingencies, which extend and spatter today, this text aims to present blacks literatures, especially those of black-female authorship, as small, emergency and emerging examples of affirmative and promising participation of Afro-descendants in Brazilian society. In the meantime, this article presents the literary production of black men and women as an expression of black potential in Brazil. These literary projects are materialized from critical and imaginary perspectives, considering ethnic-racial and gender relations as juxtaposed, in order to highlight possible dialogues and contradictions existing between the authors and their literary creations. Therefore, it is necessary to permanently resist, opposing the multiple forms of silencing black voices in Brazilian social, political and cultural history. In this sense, as powers of life, in the midst of so many endogenous and exclusive policies, in these times, it is urgent that literary texts that reveal black identities be brought to the fore. To this end, some reflections are presented in spite of literary dictations by black authors regarding the aphrodisporic protagonisms.

Keywords: Literature. Afrodescendence. Resistance. Black Authors.

## REFERÊNCIAS

- ADÚN, Mel. Identidade (s). In: RIBEIRO, Esmeralda; BARBOSA, Márcio. **Cadernos Negros**. Poemas afro-brasileiros. Vol. 31. São Paulo: Quilomboje, 2012.
- ALBUQUERQUE, Wlamyra R. FILHO, Walter Fraga. **Uma história do negro no Brasil**. Salvador: CEAO; Brasília, DF: Fundação Palmares, 2006.
- ALVES, Miriam. Afro-brasileiras. In: RIBEIRO, Esmeralda; BARBOSA, Márcio. **Cadernos Negros**. Poemas afro-brasileiros. Vol. 31. São Paulo: Quilomboje, 2008.
- ARAÚJO, Ubiratan Castro de. **Sete histórias de negro**. Salvador: EDUFBA, 2006.
- CHALHOUB, Sidney. **Visões da liberdade**. Uma história das últimas décadas da escravidão na Corte. [1 ed. 1990]. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011.
- CORREIA, Wesley. Negrada. In: \_\_\_\_\_. **Deus negro**. Da partida, da chegada, da multiplicação. Poesia. Salvador: Ed. Pianúna, 2013.
- COSTA, Emília Viotti da. **Da Senzala à colônia**. 4 ed. São Paulo: Unesp, 1996.
- CUTI, L. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2010.
- \_\_\_\_\_. Crespa cantiga. In: **Kizomba de vento e nuvem**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013. (Poesia).
- FANON, Franz. **Os Condenados da terra**. Trad Enilce Albergaria Rocha; Luci Magalhães. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005. (Coleção Cultura, V.2).
- FLORENTINO, Manolo. **Em costas negras**. São Paulo, Companhia das Letras, 2010.
- FILHO, Walter Fraga. **Mendigos, moleques vadios na Bahia do século XIX**. São Paulo: HUCITEC; Salvador: EDUFBA, 1996.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 17 ed. Trad Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2002.
- FREIRE, Gilberto. **Casa Grande & senzala**. 52 ed. São Paulo: Ed. UNESP, 2013.
- GOMES, Flávio José. **Mocambos e quilombos**. Uma história do campesinato negro no Brasil. São Paulo: Claro Enigma, 2015. (Coleção Agenda Brasileira).
- HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.
- \_\_\_\_\_. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad Tomaz Tadeu da Silva e Gaucira Lopes Louro. 7 ed. São Paulo: DP&A editora, 2003.

\_\_\_\_\_. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, Brasília; Representação da UNESCO no Brasil, 2006.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo. Diário de uma favelada**. 9 ed. São Paulo: Ática, 2007.

\_\_\_\_\_. **Diário de Bitita**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1986.

LIMEIRA, José Carlos. Quilombos – Insônia. In: **Atabaques**. Rio de Janeiro: Ed. dos Autores, 1983 (Poesia).

LUDMER, Josefina. **Aqui América Latina**. Trad Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

\_\_\_\_\_. Literaturas pós-autônomas. **Sopro** – panfleto poético cultural. Desterro, Janeiro, n. 20, 2010. Disponível em <http://www.culturaebarbarie.org/sopro/>>. Acesso em 20.09.2018.

MATTOSO, Kátia Q. **Ser escravo no Brasil: Séculos XVI – XIX**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1982.

MOURA, Clóvis. **Quilombos** – Resistência ao quilombismo. São Paulo: Ed. Ática, 1987.

\_\_\_\_\_. **Rebeliões da senzala**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

\_\_\_\_\_. **Dicionário da escravidão negra no Brasil**. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.

NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo**. Petrópolis, RJ; Ed. Vozes, 1980.

NASCIMENTO, Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. In: RATTIS, Alex. **Eu sou Atlântica**. São Paulo: Imprensa Oficial; Instituto Kuanza, 2006.

ONAWALE, Lande. Quilombo. In: \_\_\_\_\_. **Kalunga**. Poemas de um mar sem fim – Poems of na infinite sea. Salvador: edição do autor, 2011.

REIS, Isabel Cristina Ferreira dos. **Histórias de vida familiar e afetiva de escravos na Bahia do século XIX**. Salvador: Centro de Estudos Baianos da UFBA, 2001.

REIS, João José. **Escravidão e Invenção da liberdade**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

\_\_\_\_\_; SILVA, Eduardo. **Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil escravista**. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

\_\_\_\_\_. **A Morte é uma festa:** Ritos Fúnebres e Revolta Popular no Brasil do Século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

\_\_\_\_\_. **Liberdade por um fio:** História dos Quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

\_\_\_\_\_. **Rebelião escrava no Brasil:** a História do Levante dos Malês (1835). São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. **Domingos Sodré, um sacerdote africano:** escravidão, liberdade e candomblé na Bahia do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SANTOS, Neusa Souza. **Tornar-se negro** – As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983. (Coleção Tendências).

SOLANO TRINDADE, Canto dos Palmares. In:\_\_\_\_\_. **Poemas antológicos de Solano Trindade.** São Paulo: Nova Alexandria, 2008. Coleção Obras Antológicas.

SOUZA, Jovina. Seguindo as mais velhas. In:\_\_\_\_\_. **O Caminho das Estações.** Itabuna-BA: Mondrongo, 2018.